



Durante 17 horas seguidas, o candidato ficou ligado na sua campanha, que não pára até o dia 15.

Em busca de votos um candidato não pára

Malu Pires

Mais de 300 apertos de mão, tapinhas nas costas, sorrisos, 16 lugares visitados, quase todo material de propaganda distribuído, um pneu furado e cerca de 170 quilômetros rodados. Este é o saldo de um dia de campanha do candidato Brígido Ramos (Câmara-PDT), no esforço de conseguir eleger-se deputado federal nas eleições de novembro. E segundo o candidato, "a diferença marcante entre a campanha de um candidato rico e um menos abonado".

Essa sua idéia se baseia no fato de que, enquanto o "bem afortunado tem tempo na televisão e dinheiro para pagar cabos eleitorais, resta ao menos favorecido entrar firme na campanha do corpo-a-corpo e contar com o desempenho gratuito de colaboradores".

Com apenas 30 segundos na TV duas vezes por semana, para levar ao eleitorado sua mensagem, concentra seu esforço físico e oratória para convencer a faixa do eleitorado que mais o conhece — a dos funcionários das empresas de comunicação — de que é a melhor opção para estes e "todos os trabalhadores".

Para atingir este objetivo não mede esforços, acreditando realmente na vitória e prevendo que com cerca de 20 mil votos estará eleito. Mas, enquanto os votos não são computados, Brígido Ramos realiza verdadeira perseguição ao eleitor, cumprindo agenda de compromissos apertada.

Dorme pouco e perde peso

Um bom preparo físico. Este o segredo do candidato para manter até o final do dia um bom pique de trabalho. Praticante «ardoroso» de uma pelada com os amigos e de natação mas, ultimamente, «aposentado», devido à política, ele sempre arranjou tempo para cuidar da forma física.

Ao que parece, entretanto, seja por um motivo ou outro qualquer, a energia do candidato é invejável. Na terça-feira tinha se deitado às 2 horas da madrugada e já estava, às 6 horas da manhã de quarta-feira, à mesa do café para começar mais um dia de campanha. Visitou 16 lugares diferentes — pela manhã, oito, à tarde, cinco e à noite três, encerrando a agenda política às 23 horas.

Confira a via crucis do candidato:

- 6 horas — saída de sua casa.
- 6h45 — Faz campanha na Central de Operações da Telebrasilândia na Asa Norte.
- 7h45 — Visita o Centro Técnico Operacional da Telebrasilândia no SIA.
- 9 horas — Está na Central de Operações de Taguatinga Centro em campanha.
- 9h45 — Cumprimenta os funcionários da Agência dos Correios e Telégrafos em Taguatinga Centro.
- 9h55 — Realiza a mesma atividade na Agência dos Correios e Telégrafos de Taguatinga Norte.
- 10h10 — Visita três casas de comércio em Taguatinga Norte.
- 11h50 — Realiza campanha no restaurante do Sesc de Taguatinga.
- 13h10 — Faz panfletagem na Central de Operações da Asa Sul da Telebrasilândia.
- 13h35 — Almoço (sanduíche com refrigerante).
- 14h30 — Está em campanha junto aos motoristas da TCB.
- 15h30 — Visita funcionários da Embratel.
- 14 horas — Faz campanha no Ministério das Comunicações.
- 17h40 — Participa de assembléia dos funcionários da Caesb.
- 19h15 — Recebe colaboradores no seu comitê.
- 20h30 — Participa de reunião na casa do «Teixeira» na QNP-14 no Setor P Sul — Ceilândia.
- 21 horas — Reunião na casa do «seu Ramalho» na QNP-12 no Setor P Sul, Ceilândia.
- 23 horas — Fim das atividades políticas.

Acompanhado de dois colaboradores, Frederico Correia e Guarabira Silva, ele visitou debaixo de chuva, na quarta-feira, 16 lugares, das 6h45 às 23 horas, distribuindo santinhos, panfletos e falando aos eleitores. Nesta busca, o cumprimento às pessoas vale muito e o candidato tem um vantagem adicional — já que trabalha onde já atuou como sindicalista, conhece o nome dos seus prováveis eleitores.

Para ele o argumento dos intelectuais de que o cumprimento é uma atitude demagógica não tem ressonância junto à população. «A verdade é que todos gostam de ser cumprimentados e quando a gente esquece, o pessoal reclama no comitê». No princípio, confessa, ficava com as mãos doendo, mas se sente recompensado ao perceber que pessoas «que, às vezes, está vendo pela primeira vez, acreditam na minha proposta».

Em campanha a perseguição ao eleitor é às vezes implacável e o candidato sabe encontrar até os que fogem do seu aperto de mão. Num dos lugares visitados, observou duas pessoas que já iam saindo de carro e não teve dúvida: «Ei vocês estão fugindo de mim! O que é isso gente, vem cá».

Brígido Ramos afirma que no princípio, «às vezes», ficava chateado com reações contrárias ou grosseiras. Mas isso foi superado pelos apoios que recebeu durante o período de campanha. O cansaço físico também é descartado — «as bolhas nos pés e as dores nas pernas já foram superadas, a gente tem de ir em frente».

A família vira um comitê

Toda a família Ramos ajuda na campanha, diz o candidato: «Grau de parentesco nesta altura é compromisso» e «tanto faz se é um primo distante ou não eu chamo para colaborar». Na sua busca de ajuda à candidatura só escapou seus dois filhos — Gustavo, de sete anos e Victor de seis —. Os outros foram englobados — sogra, mãe, pai, primos, tios e sobrinhos.

A razão da «convocação meiga» é uma só — ele não tem fundos financeiros, nem seu partido, para pagar cabos eleitorais. Entretanto, reconhece que mesmo assim é difícil realizar todo o trabalho que envolve a campanha. «A grande maioria dos meus colaboradores eleitorais são filiados do sindicato onde atuei e de outras entidades que me apóiam. Mas sempre está faltando gente», disse.

O fato dele ser candidato trouxe mudanças na vida íntima da família. E por isso a maior resistência que teve de superar foi a de sua esposa, a psicóloga e professora, Jussara Teixeira Ramos. Ela não queria que seu marido fosse candidato, pois seu pensamento é de que não teria tempo para a família. «Nos fins de semana era comum um churrasco com amigos ou então um passeio com os meninos. Isto agora ficou adiado para depois de 15 de novembro».

Com habilidade Brígido Ramos convenceu a esposa e hoje ela é sua «aliada» na campanha. Essa mudança de atitude é explicada pela psicóloga pelo «real entendimento que tive de que na vida política ele poderia ampliar o âmbito da luta que teve frente ao sindicato».

O período da manhã de Jussara Ramos é dedicado à sua carreira de professora. Mas, à tarde, e à noite está trabalhando para o marido. Na quarta-feira, por exemplo, passou a tarde atendendo eleitores no comitê e visitou os moradores da Candangolândia. À noite, participou das atividades do marido e os dois foram se deitar à 1 hora da manhã de quinta-feira. Entretanto, ela resiste a ser apenas «a senhora do candidato», «quero ter meu espaço para realização própria», disse.